

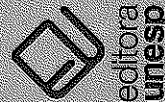
Neste livro, o economista Dani Rodrik analisa as consequências negativas do processo de integração econômica global e propõe caminhos para que os governos possam atuar diante desse desafio. Se o autor rejeita a resposta protecionista, reafirma que é necessária uma ação decisiva dos Estados nacionais a fim de evitar que a globalização aprofunde o fosso entre trabalhadores mais e menos qualificados.

A globalização foi longe demais?

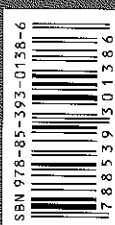
Dani Rodrik



Dani Rodrik



editora
unesp



editora
unesp

amavelmente suportar várias falhas técnicas do computador. Matthew Maguire proporcionou-me uma excelente assistência na pesquisa.

Finalmente, agradeço ao Fundo Monetário Internacional (FMI), onde (um tanto inadequadamente) partes deste livro foram escritas, por sua hospitalidade.

É lugar-comum dizer que indivíduos e instituições aos quais se agradece não devem ser considerados responsáveis pelas opiniões expressas em um estudo. Por razões óbvias, isso se aplica de maneira particularmente enfática neste caso.

Introdução

As greves dos trabalhadores na França no final de 1995, que visavam reverter os esforços do governo francês para colocar seu orçamento dentro dos moldes dos critérios do Tratado de Maastricht, lançaram o país em sua pior crise desde 1968. Mais ou menos na mesma época, nos Estados Unidos, um destacado republicano estava conduzindo uma campanha vigorosa para a presidência tendo como base uma plataforma política de nacionalismo econômico, prometendo erguer barreiras comerciais e restrições mais rígidas à imigração. Nos países do Leste Europeu e na Rússia, ex-comunistas venceram a maior parte das eleições parlamentares realizadas desde a queda do Muro de Berlim, e o candidato comunista Gennady Zyuganov conseguiu 40% dos votos no segundo turno da eleição presidencial russa realizado em julho de 1996.

Esses desenvolvimentos aparentemente díspares têm um elemento comum: a integração internacional dos mercados de bens, serviços e capital está pressionando as sociedades a alterarem suas práticas tradicionais e, em represália, amplos

Questões estruturais do início dos anos 1990 surgiram. O crescimento econômico nos países pobres tem tido se desfez das barreiras e barreiras por influência do estado. O crescimento econômico dos mercados, bens e serviços está

A pressão por mudanças profundas vem exercendo fortes efeitos sobre as sociedades e o indivíduo. A justificativa mudando são velhos valores / garantir a competitividade.

Doni Rodrik

segmentos dessas sociedades estão se defendendo.¹ As pressões por mudança são tangíveis e afetam todas as sociedades: no Japão, grandes corporações começam a desmantelar a prática do pós-guerra do emprego vitalício, uma das instituições sociais mais características do país. Na Alemanha, o governo federal combate a oposição sindical para cortar os benefícios das pensões visando melhorar a competitividade e equilibrar o orçamento. Na Coreia do Sul, os sindicatos recorrem a greves nacionais para protestar contra a nova legislação que facilitava às empresas demitir os trabalhadores. Os países em desenvolvimento da América Latina competem entre si na abertura do comércio, desregulando suas economias e privatizando empresas públicas. Pergunte aos executivos das empresas ou aos altos funcionários do governo por que essas mudanças são necessárias e você vai ouvir repetidas vezes o mesmo mantra: "Precisamos continuar (ou nos tornar) competitivos em uma economia global".

A oposição a essas mudanças não é menos tangível e às vezes resulta em estranhos aliados. Os sindicatos que condenam a competição injusta de trabalhadores estrangeiros menores de idade e os ambientalistas ganham o apoio dos empresários bilionários. Ross Perot e Sir James Goldsmith na luta contra o Tratado Norte-Americano de Livre Comércio (Nafta) e a Organização Mundial do Comércio (OMC). Nos Estados Unidos, talvez a mais orientada para o livre mercado das sociedades industriais avançadas, as bases filosóficas do Estado liberal clássico sofrem ataques não só por parte dos protecionistas tradicionais, mas também do novo movimento comunitário, que enfatiza a virtude moral e cívica e

1 Ver a perspicaz coluna de Thomas L. Friedman (1996). Friedman enfatiza que o recente destaque desses movimentos políticos aparentemente diversos, como aquele de Patrick Buchanan nos Estados Unidos, dos comunistas na Rússia e dos islâmicos na Turquia, podem ter uma raiz comum: uma reação adversa à globalização. Agradeço a Robert Wade por chamar a minha atenção para o artigo de Friedman.

o aporumb. de de... A globalização foi longe demais. A fluidez e a mobilidade q. não tem... nutre uma desconfiança intrínseca pela expansão dos mercados... (ver, por exemplo, Etzioni, 1994; e Sandel, 1996).²

O processo que veio a ser chamado de "globalização" está expondo uma profunda linha descontinua entre grupos que têm as habilidades e a mobilidade para florescer nos mercados globais e aqueles que não têm essas vantagens ou percebem a expansão dos mercados não regulados como hostis à estabilidade social e às normas profundamente enraizadas. O resultado é uma severa tensão entre o mercado e os grupos sociais, como trabalhadores, pensionistas e ambientalistas, com os governos emperrados no meio deles.³

Este livro declara que o desafio mais sério à economia global nos anos vindouros é tornar a globalização compatível com a estabilidade social e a política interna - ou, colocando em palavras ainda mais diretas, garantir que a integração econômica internacional não contribua para a desintegração social interna.

Preocupados com as ansiedades de seus eleitores, os políticos dos países industriais avançados estão bem conscientes de que nem tudo vai bem com a globalização. A reunião do Grupo dos Sete em Lyon, em junho de 1996, deu uma importância central à questão: seu comunicado foi intitulado "Tornando a globalização um sucesso para o benefício de todos". O documento começava com uma discussão da globalização - seus desafios e também seus benefícios. Os líderes reconheciam que a globalização cria dificuldades para alguns grupos e, então, escreveram:

2. Aqueles que torcem pela globalização às vezes também angariam estranhos aliados. Considere, por exemplo, a filosofia de uma organização chamada Global Awareness Society International: "A globalização possibilitou o que antes era apenas uma visão: as pessoas do nosso mundo unidas sob o teto de uma Aldeia Global".

3. Ver também Kapstein (1996) e Vernon (no prelo). Kapstein argumenta que uma reação negativa por parte dos trabalhadores é provável, a menos que os formuladores de políticas assumam um papel mais ativo na administração de suas economias. Vernon declara que podemos estar no limiar de uma reação global contra o papel penetrante das empresas multinacionais.

Argumento: principal desafio à ec. global é compatibilizar globalização (integração) v. estabilidade social e bem-estar.

o ponto de partida; cada um defendendo sua própria posição e sigando a
conf. de todos durante a globalização.
Dani Rodrik / Trabalhos sobre a do-
mínio da produção e a competição
em um mundo cada vez mais interdependente devemos todos
reconhecer que temos um interesse em disseminar os benefícios
do crescimento econômico o mais amplamente possível e em dimi-
nuir o risco de excluir indivíduos ou grupos em nossas próprias
economias ou de excluir alguns países ou regiões dos benefícios
da globalização.

Mas como esses objetivos serão atingidos?
Uma resposta política adequada requer um entendimento
das fontes das tensões geradas pela globalização. Sem esse
entendimento, é provável que as reações sejam de dois tipos. Um
deles é o tipo automático, com propostas de cura piores que a
doença. Esse certamente é o caso do protecionismo abrangente
ao estilo de Patrick Buchanan ou da abolição da OMC ao estilo
de sir James Goldsmith. Na verdade, grande parte do que passa
como análise (seguido da condenação) do comércio interna-
cional se baseia em uma lógica defeituosa e em um empirismo
equivocado.⁴ Parafraaseando Paul Samuelson, não há melhor
prova de que o princípio da vantagem comparativa é a única
proposição na economia, que é ao mesmo tempo verdadeira e
não trivial, do que a longa história de más interpretações que têm
sido vinculadas às consequências do comércio. Os problemas,
embora reais, são mais sutis do que a terminologia que passou a
dominar o debate, como, por exemplo, "concorrência de baixos
salários", "criar condições de igualdade" ou "nivelamento por
baixo". Consequentemente, eles requerem soluções matizadas
e criativas.

A outra resposta possível, e a única que talvez caracterize
melhor a atitude de grande parte da comunidade econômica e
política, é minimizar o problema. A abordagem padrão dos eco-

4 Jagdish Bhagwati e Paul Krugman são dois economistas que têm sido incan-
sáveis na exposição das falácias comuns nas discussões sobre o comércio
internacional. Ver, em particular, Bhagwati (1988) e Krugman (1996).

Abordagem possível dos economistas sobre globali-
zação: ver como evitar as falácias e obter benefí-
cios colossais e tensões.

Uma parte em debates recentes em favor de uma abordagem internacional este
é baseada em pesquisas feitas por economistas. Talvez a ver-
dade seja que a globalização fornece benefícios para quem
estão colando. A globalização fornece benefícios para quem
estão das globes nacionais em de...
condição de...
nomistas à globalização e enfatizar os benefícios do fluxo livre
dos bens, do capital e das ideias, e supervisionar as tensões que
deles podem resultar.⁵ Uma visão comum é que as queixas das
organizações não governamentais ou de defesa dos trabalhado-
res representam apenas o velho vinho protecionista colocado
em novas garrafas. As pesquisas recentes sobre o comércio e
os salários enfatizam essa visão: as evidências empíricas dispo-
níveis sugerem que o comércio tem desempenhado um papel
um pouco menor na geração dos males do mercado de trabalho
dos países industrializados avançados - ou seja, na crescente
desigualdade de renda nos Estados Unidos e do desemprego
na Europa.⁶

Embora eu compartilhe da ideia de que grande parte da
oposição ao comércio é baseada em premissas falsas, também
acredito que os economistas tendem a assumir uma visão exces-
sivamente estreita das questões. Para entender o impacto da
globalização nos arranjos sociais domésticos, temos de ir além
da questão do prêmio que o comércio concede à qualificação
especial. E, mesmo que nos concentremos mais estritamente
nos resultados do mercado de trabalho, há canais adicionais que
ainda não foram submetidos a um escrutínio empírico detalhado,
por meio dos quais a integração econômica aumentada age em
detrimento da mão de obra, e particularmente da mão de obra
não qualificada. Como veremos, essa perspectiva conduz a uma
visão menos benigna do que aquela comumente adotada pelos
economistas. Um benefício adicional, portanto, é o fato de ela
servir para reduzir a imensa lacuna que separa as visões de mui-
tos economistas das intuições de muitos leigos.

5 Quando menciono "economistas" aqui, estou, é claro, me referindo à eco-
nomia prevalente, representada pelos economistas neoclássicos (entre os
quais eu me coloco).

6 Cline (1997) apresenta uma excelente revisão da literatura. Ver também
Collins (1996).

Uma identidade - fontes de tensão social das nações do globo.
Uma das globalizações.
↳ A fonte de tensão tem a ver com o aumento da desigualdade entre grupos sociais globais e locais (dos do capital, que obtêm o poder político) e grupos sociais locais (trabalhadores, pequenos produtores e desqualificados).
Danij Rodrik

Fontes de tensão

Eu me concentro em três fontes de tensão entre o mercado global e a estabilidade social e apresento aqui uma breve visão geral delas.

Em primeiro lugar, barreiras reduzidas ao comércio e ao investimento acentuam a assimetria entre os grupos que podem cruzar as fronteiras internacionais (quer direta ou indiretamente, por exemplo, por meio da terceirização) e aqueles que não podem fazê-lo. Na primeira categoria estão os donos do capital, os trabalhadores altamente especializados e muitos profissionais que são livres para levar seus recursos para onde haja maior demanda. Os trabalhadores não especializados e semiespecializados, assim como a maioria dos administradores medianos, ficam na segunda categoria. Colocando o mesmo ponto em termos mais técnicos, a globalização torna a demanda dos serviços dos indivíduos da segunda categoria mais elástica - ou seja, os serviços de grandes segmentos da população trabalhadora podem ser mais facilmente substituídos pelos serviços de outras pessoas fora das fronteiras nacionais. Por isso, a globalização transforma fundamentalmente as relações de trabalho.

O fato de os "trabalhadores" poderem ser mais facilmente substituídos entre si fora das fronteiras nacionais destrói o que muitos entendem como sendo uma barganha social pós-guerra entre trabalhadores e patrões, sob a qual os primeiros receberiam um aumento constante nos salários e nos benefícios em troca da paz no trabalho. Isso porque o aumento na possibilidade de substituição resulta nas seguintes consequências concretas:

- Os trabalhadores agora têm de pagar uma parcela maior do custo das melhorias nas condições de trabalho e nos

7 A terceirização refere-se à prática das companhias de subcontratar parte do processo de produção - tipicamente as partes de mão de obra mais intensiva e menos qualificada - em firmas de outros países com custos menores.

Uma saída: globalização tem a ver com o aumento da desigualdade social globalmente inaceitável e desigual. O que se vê é cada vez mais a substituição dos serviços dentro de fronteiras sociais por serviços de outros países em outros países.

As fontes de tensão social são o aumento da desigualdade distributiva e barganha entre países. E países do Sul - é grande, pelo que há uma social e econômica que ocorre nos países do Sul e beneficia os países desenvolvidos.

Benefícios (isto é, eles arcam com uma maior incidência dos encargos não salariais).

- Eles têm de suportar maior instabilidade nos ganhos e nas horas trabalhadas em resposta aos abalos na demanda de mão de obra ou na produtividade do trabalhador (ou seja, aumenta a volatilidade e a insegurança).
- Seu poder de barganha é corroído e por isso eles recebem salários e benefícios menores sempre que a barganha for um elemento no estabelecimento dos termos do emprego.

Essas considerações têm recebido atenção insuficiente na literatura acadêmica recente sobre o comércio e os salários, que tem se concentrado mais no deslocamento descendente na demanda por trabalhadores não especializados do que no aumento da elasticidade dessa demanda.

Em segundo lugar, a globalização engendra conflito dentro e entre as nações com relação às normas domésticas e às instituições sociais que as incorporam. A medida que a tecnologia para produtos manufaturados passou a se tornar padronizada e internacionalmente difundida, as nações com conjuntos de valores, normas, instituições e preferências coletivas muito diferentes começaram a competir diretamente nos mercados por produtos similares. E a disseminação da globalização cria oportunidades para o comércio entre países com níveis muito diferentes de desenvolvimento.

Isso não ocorre sem consequências sob a política de comércio multilateral tradicional da OMC e do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (Gatt); o "processo" ou a "tecnologia" por meio da qual os produtos são produzidos é imaterial, assim como as instituições sociais dos parceiros comerciais. As diferenças nas práticas nacionais são tratadas apenas como diferenças nas dotações de fatores ou em qualquer outro determinante de vantagem comparativa. Entretanto, a introspecção e a evidência empírica revelam que a maioria das pessoas atribui tanto valores quanto resultados aos processos. Isso está refletido nas normas que

o que vale de tensão refere-se aos conflitos entre e interações entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento. Isso por dentro da globalização, a produção de valores, a competição nos mercados, a substituição de instituições, visões de mundo e custos de valores individuais.

2

Os países da América Latina têm desenvolvido a indústria (exceção da indústria agrícola, de serviços e turismo). Dani Rodrik, economista, defende que a indústria é o motor do crescimento econômico. O comércio internacional é importante para a América Latina, pois permite a integração com os mercados globais e a atração de investimentos estrangeiros.

e serviços são produzidos - por exemplo, práticas no local de trabalho, regras legais e redes de segurança social.

O comércio torna-se contencioso quando libera forças que destroem as normas implícitas nas práticas domésticas. Muitos residentes dos países industriais avançados estão se sentindo desconfortáveis com o enfraquecimento das instituições domésticas pelas forças do comércio, como quando, por exemplo, o trabalho infantil em Honduras provoca a demissão de trabalhadores na Carolina do Sul, ou quando os benefícios de pensões são cortados na Europa em resposta às exigências do Tratado de Maastricht. Essa sensação de desconforto é uma maneira de interpretar as demandas de "comércio justo". Grande parte da discussão em torno das "novas" questões na política comercial - ou seja, normas trabalhistas, meio ambiente, política de competição, corrupção - pode ser lançada nessa luz de justiça nos procedimentos.

Não conseguiremos entender o que está acontecendo nessas novas áreas enquanto não considerarmos seriamente as preferências individuais pelos processos e os arranjos sociais que as incorporam. Em particular, fazendo isso poderemos começar a extrair sentido do desconforto das pessoas em relação às consequências da integração econômica internacional e evitar a armadilha de condenar automaticamente todos os grupos envolvidos como protectionistas egoístas. Na verdade, como a política comercial quase sempre tem consequências redistributivas (entre os setores, os grupos de renda e os indivíduos), não se pode produzir uma defesa justa do livre-comércio sem confrontar a questão da justiça e da legitimidade das práticas que geram essas consequências. Do mesmo modo, não se pode esperar um amplo apoio popular para o comércio quando este envolve trocas que colidem com (e corroem) os arranjos sociais domésticos prevaletentes.

Em terceiro lugar, a globalização tornou excessivamente difícil para os governantes proporcionarem seguro social - uma

nos países em desenvolvimento, a indústria é o motor do crescimento econômico. O comércio internacional é importante para a América Latina, pois permite a integração com os mercados globais e a atração de investimentos estrangeiros. A indústria é o motor do crescimento econômico. O comércio internacional é importante para a América Latina, pois permite a integração com os mercados globais e a atração de investimentos estrangeiros.

O 3º tipo de tensão decorre da dificuldade de lidar com os custos da integração econômica. Em particular, a mobilidade dos fatores de produção é limitada. A globalização foi longe demais? A indústria é o motor do crescimento econômico. O comércio internacional é importante para a América Latina, pois permite a integração com os mercados globais e a atração de investimentos estrangeiros.

social e o apoio político interno à liberalização continua durante todo o período pós-guerra. Em essência, os governos têm usado seus poderes fiscais para isolar os grupos internos dos riscos excessivos do mercado, particularmente daqueles que têm uma origem externa. Na verdade, há uma notável correlação entre uma exposição da economia ao comércio internacional e o tamanho da sua previdência social. Foi nos países mais abertos, como Suécia, Dinamarca e Holanda, que mais se expandiram os gastos nas transferências de renda. Isso não significa que o governo seja o único - ou o melhor - provedor de seguro social. A família ampliada, os grupos religiosos e as comunidades locais com frequência desempenham papéis similares. Minha opinião é que um marco do período do pós-guerra foi a expectativa de que os governos dos países avançados proporcionassem esse seguro.

Atualmente, no entanto, a integração econômica internacional está se colocando em contraposição ao pano de fundo de governos que se encolhem e à redução das obrigações sociais. A previdência social tem sido alvo de ataque há duas décadas. Além disso, a crescente mobilidade do capital tornou-se um segmento importante da flexibilidade tributária, deixando os governos com a opção não palatável de impor impostos desproporcionais à renda do trabalhador. Entretanto, a necessidade de seguro social para a grande maioria da população que permanece internacionalmente imóvel não diminuiu. Ao contrário, essa necessidade tem se tornado cada vez maior como consequência da integração aumentada. Por isso, a questão é como a tensão entre a globalização e as pressões pela socialização do risco pode ser aliviada. Se a tensão não for tratada de uma maneira inteligente e criativa, o perigo é que o consenso interno a favor dos mercados abertos finalmente se destrua a ponto de um ressurgimento generalizado do protectionismo se tornar uma séria possibilidade.

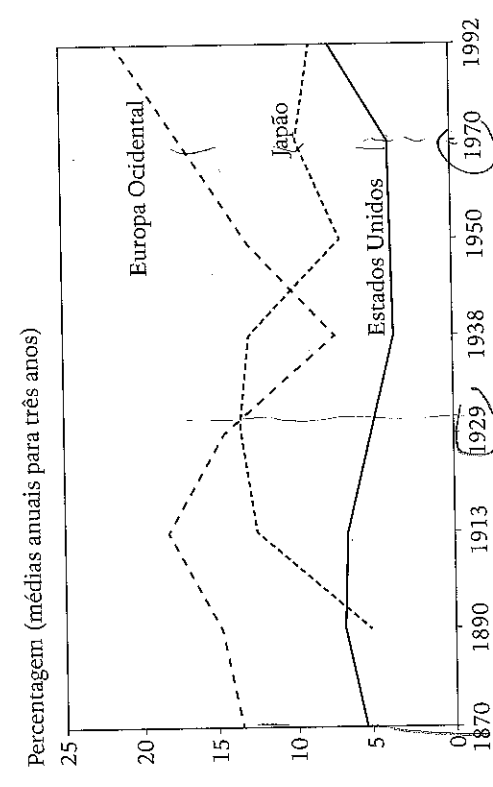
Cada um desses argumentos aponta para uma importante fraqueza na maneira em que as sociedades avançadas estão

Concluiu desde os anos 1980, a integração econômica, a mobilidade dos fatores de produção é limitada. A indústria é o motor do crescimento econômico. O comércio internacional é importante para a América Latina, pois permite a integração com os mercados globais e a atração de investimentos estrangeiros.

Do mesmo tempo a necessidade de proteção dos grupos sociais que perderam a globalização não diminuiu.
 Danij Rodrik
 O risco: o aumento de desigualdade nos mercados abertos

lidando - ou estão equipadas para lidar - com as consequências da globalização. Coletivamente, eles apontam para o que talvez seja o maior risco de todos, isto é, que a consequência cumulativa das tensões acima mencionadas seja a solidificação de um novo conjunto de divisões de classe - entre aquelas que prosperam na economia globalizada e aquelas que não prosperam, entre aquelas que compartilham seus valores e aquelas que não os compartilham, e entre aquelas que podem diversificar seus riscos e aquelas que não conseguem fazê-lo. Essa não é uma perspectiva agradável, mesmo para os indivíduos que estão no lado vencedor da divisão e que têm pouca empatia pelo outro lado. A desintegração social não é um esporte com espectadores - aqueles que estão fora das quatro linhas também são salpicados pela lama do campo. Finalmente, o aprofundamento das fissuras sociais pode prejudicar a todos.

Figura 1 Japão, Estados Unidos e Europa Ocidental: exportações de mercadorias como uma parcela do PIB, 1870-1992



Fonte: Biroch & Kozul-Wright (1996).
 O risco de tensão derivada da globalização, em cof. trazer o risco de empurrar as estruturas de mercado e conflitos sociais, esse empurrar a ganhar e a perder a globalização, devido ao fato de que a integração em questão

mercado global fo. Foi capitalizado no final do 19º e início do 20º.
 A globalização foi longe demais?
 A questão: o q. é competição de classes. E nos anos 90 pode ser a questão?

Globalização: de tempos em tempos

Essa não é a primeira vez que experimentamos um mercado realmente global. Por muitas medidas, a economia mundial esteve possivelmente até mais integrada no auge do padrão ouro do final do século XIX do que está agora. A Figura 1 apresenta a proporção das exportações em relação à renda nacional para os Estados Unidos, a Europa Ocidental e o Japão desde 1870. Nos Estados Unidos e na Europa, os volumes comerciais atingiram seu pico antes da Primeira Guerra Mundial, e depois entraram em colapso durante o intervalo entre as duas guerras mundiais. O comércio tornou a florescer após 1950, mas nenhuma das três regiões está significativamente mais aberta agora para essa medida do que esteve durante o antigo padrão ouro. O Japão, na verdade, tem agora uma parcela menor das exportações no PIB do que teve durante o período entre as duas guerras mundiais.

Outras medidas da integração econômica global contam uma história similar. Quando as ferrovias e os navios a vapor baixaram o custo do transporte e a Europa partiu para o livre-comércio no final do século XIX, ocorreu uma convergência dramática nos preços das commodities (Williamson, 1996). Os fluxos de mão de obra eram também consideravelmente mais altos na época, pois milhões de imigrantes partiram do Velho para o Novo Mundo. Nos Estados Unidos, a imigração foi responsável por 24% da expansão da força de trabalho durante os 40 anos anteriores à Primeira Guerra Mundial (Williamson, 1996, apêndice, tabela 1). Quanto à mobilidade do capital, a parcela dos fluxos de capital líquido no PIB foi muito mais elevada no Reino Unido durante o padrão ouro clássico do que de lá para cá.

Será que esse período anterior de globalização tem algumas lições a dar à nossa situação atual? Pode muito bem ter. Por exemplo, há algumas evidências de que o comércio e a imigração tiveram consequências importantes para a distribuição de renda. Segundo Jeffrey Williamson (1996, p.19), "A globalização [...]

Não apenas o comércio e imigração também impactaram a distribuição de renda, evidentemente, segundo os sociais perdedores esse período se refere.

foi responsável por mais da metade da crescente desigualdade nos países ricos com mão de obra escassa [por exemplo, Estados Unidos, Argentina e Austrália] e por um pouco mais de um quarto da desigualdade declinante em países pobres com mão de obra abundante [por exemplo, Suécia, Dinamarca e Irlanda]" no período anterior à Primeira Guerra Mundial. Igualmente pertinentes são as consequências políticas dessas mudanças:

Há uma literatura com quase um século de idade que declara que a imigração feriu a mão de obra norte-americana e foi responsável por grande parte da desigualdade da década de 1890 até a Primeira Guerra Mundial, tanto que um Congresso simpático à causa trabalhista aprovou cotas de imigração. Há uma literatura ainda mais antiga que declara que uma invasão de grãos do Novo Mundo diminuiu de tal modo os arrendamentos de terra na Europa que os parlamentos continentais dominados por proprietários de terras elevaram as tarifas para ajudar a protegê-los do impacto da globalização. (Williamson, 1996, p.1)

Williamson (1996, p.20) conclui que "as tendências para a desigualdade produzidas pela globalização são pelo menos parcialmente responsáveis pela fuga da globalização entre as duas guerras mundiais [que surgiu] primeiro nos parceiros comerciais industriais ricos".

Além disso, há algumas diferenças fundamentais que tornam mais contenciosa a economia global atual. Em primeiro lugar, as restrições à imigração não eram tão comuns durante o século XIX e, conseqüentemente, a mobilidade internacional da mão de obra foi mais comparável àquela do capital. Por isso, a assimetria entre o capital móvel (físico e humano) e a mão de obra "natural", "imóvel", que caracteriza a situação presente, é um fenômeno relativamente recente. Em segundo lugar, houve pouca competição internacional direta em produtos idênticos ou similares durante o século XIX, e a maior parte do comércio consistia no intercâmbio

↳ O comércio internacional entre produtos similares nos mesmos mercados é muito maior
↳ Os países desenvolvidos são mais ricos do que os países em desenvolvimento

↳ Se como foi, principal coisa é a globalização
↳ processo irreversível. A globalização foi longe demais?
↳ e se não. Um dos lados é trazer objetivos e ideias
↳ que já existem. Os seus efeitos são os mesmos
↳ de produtos não concorrentes, como produtos primários por bens
↳ manufaturados. As relações comerciais agregadas não refletem
↳ o "grande aumento na exposição de indústrias de bens comercializáveis à competição internacional" que está ocorrendo agora
↳ em comparação com a situação na década de 1890 (Irwin, 1996, p.42). Em terceiro lugar, e talvez o mais importante, os governos
↳ ainda não foram convocados a desempenhar funções de previdência social em larga escala, como assegurar níveis de emprego
↳ adequados, estabelecer redes de segurança social, proporcionar
↳ seguros médicos e sociais e cuidar dos pobres. Essa mudança na
↳ percepção do papel do governo é também uma transformação relativamente recente, que faz a vida, em uma economia interdependente,
↳ consideravelmente mais difícil para os legisladores atuais.
↳ Seja como for, a lição da história parece ser que a globalização
↳ continuada não pode ser dada como certa. Se suas consequências não forem tratadas de maneira inteligente e criativa, um retraimento da abertura torna-se uma clara possibilidade.

Implicações

Então, será que a integração econômica internacional foi longe demais? Não, se os formuladores de políticas agirem de maneira inteligente e criativa.

Precisamos ser honestos com relação à irreversibilidade de muitas mudanças que ocorreram na economia global. Avanços nas comunicações e nos transportes significam que grandes segmentos das economias nacionais estão muito mais expostos ao comércio internacional e aos fluxos de capital do que jamais estiveram, independentemente do que os formuladores de políticas optem por fazer. Há apenas um escopo limitado para a política governamental fazer a diferença. Além disso, um sério recuo para o protecionismo feriria os muitos grupos que se beneficiam do comércio e resultaria no mesmo tipo de conflitos sociais que a

↳ Globalização é processo positivo. A todos a sociedade se beneficiará de seus avanços, inteligentes e criativos.

Agora o espaço p/ todos é o mesmo. Já no começo dos 70s
e após a crise irreversível do comércio internacional e a crise do
capital. É o espaço do protecionismo. Não é só isso por
falta de recursos e de meios produtivos de globalização.

2
pria globalização gera. Temos de reconhecer que erguer barreiras
comerciais só ajudará em um conjunto limitado de circunstâncias,
e que as políticas comerciais raramente serão a melhor resposta
para o problema que será discutido aqui. Os programas de trans-
ferência e de seguro social em geral dominarão. Em resumo, o
gênio não poderá mais ser aprisionado na garrafa, ainda que fosse
desejável fazê-lo. Vamos precisar de respostas mais criativas e mais
sutis. Vou sugerir algumas diretrizes no capítulo de conclusão.

Ainda assim, meu principal propósito neste livro não é pres-
critivo; é ampliar o debate sobre as consequências da globalização,
aprofundando-me mais em algumas das dimensões que têm
recebido atenção insuficiente e fundamentalmente reformulando
o debate de modo a facilitar um diálogo mais produtivo entre
grupos e interesses opostos. Somente mediante um maior enten-
dimento do que está em jogo poderemos esperar desenvolver
políticas públicas apropriadas.

Uma nota introdutória final. Espero que o leitor logo com-
preenda que este livro não é um pronunciamento unilateral contra
a globalização. Na verdade, o principal benefício de se esclarecer
e adicionar rigor a alguns dos argumentos contra o comércio é
que isso nos ajuda a fazer uma distinção entre objeções que são
válidas (ou pelo menos logicamente coerentes) e objeções que
não o são. Partindo dessa perspectiva, o que termino fazendo,
pelo menos ocasionalmente, é fortalecer o arsenal de argumen-
tos em prol do livre-comércio. Se esta obra for encarada como
controversa, terá cumprido o seu papel; terei falhado se ela for
percebida como polêmica.

Os capítulos que se seguem irão desenvolver as três fontes
de tensão entre a globalização e a sociedade acima identificadas e
examinar as evidências empíricas relevantes. Os objetivos serão
colocar o debate de tal modo que ambos os lados – economistas
e populistas – possam se unir, juntar evidências sobre a provável
significância da tensão em questão e, onde houver evidência de
preocupação séria, abrir o debate sobre as soluções possíveis.

2
Livro: análise crítica sobre a globalização - tirando questões
pouco discutidas e trazendo novos pontos de vista.

2 Consequências do comércio para mercados de trabalho e as relações de trabalho

Desde os 1970, verçs. de trab. dos países desan-
mios qualifc. volu. ven expenit. país o desempenho p/ grupos
laboretors. < aumento da instabilidade e insegurança
no mercado de trabalho e desemprego.

Desde a segunda metade da década de 1970, os mercados de
trabalho dos Estados Unidos e da Europa Ocidental vêm tendo
um péssimo desempenho no que se refere aos grupos menos qua-
lificados. Como declarou um renomado economista do trabalho,
"um desastre econômico se abateu sobre os norte-americanos
menos qualificados". (Freeman, 1996a, p.2)

O desastre tem dois ingredientes de reforço. Um deles é
o aumento salarial para o trabalho qualificado, que encontra
expressão em uma erosão dos ganhos reais daqueles que aban-
donaram os estudos no segundo grau: os salários horários reais
dos rapazes com doze anos ou menos de escolaridade caíram
mais de 20% nas duas últimas décadas. O segundo ingrediente
é um aumento significativo na instabilidade e insegurança do
mercado de trabalho, encontrando expressão em uma maior
volatilidade de curto prazo nos ganhos e nas horas trabalhadas
e um aumento na desigualdade dentro dos grupos de habilidades.
Os trabalhadores menos qualificados carregam o fardo dessa
instabilidade. Os índices de perda de emprego também estão em